

Pais e professores salvam as escolas públicas

■ População desiste de esperar ajuda da prefeitura e toma a iniciativa de reformar salas e doar equipamentos aos colégios

TÂNIA ALMEIDA

A deficiência de recursos nas escolas da rede municipal está sendo superada pela colaboração, cada vez maior, de pais e professores, que desistiram de esperar pela prefeitura e resolveram, eles mesmos, muitos problemas de infra-estrutura. As escolas Golda Meir, na Barra; Sun-Yat-Sen, na Ilha do Governador; e Roma, em Copacabana, tornaram-se algumas das melhores do município depois que pais de alunos passaram a interferir mais em sua administração.

Na Escola Municipal Roma, por exemplo, o novo bebedouro será instalado por um pai de aluno que é engenheiro. A escola tem 869 crianças entre a alfabetização e a 8ª série. Na Sun-Yat-Sen, os professores doam mensalmente uma cesta básica a uma moradora da comunidade, que em troca varre as salas de aulas todos os dias. "A ajuda do município é escassa", admite a diretora, Sandra Maria Rocco.

Reuniões — Nas duas escolas — que atendem basicamente à comunidade pobre — não há falta de professores nem greve. Os pais que não podem doar dinheiro para a caixa escolar ajudam como podem: oferecem mão-de-obra e, eventualmente, materiais. Na

Sun-Yat-Sen, que tem 398 alunos entre o CA e a 4ª série, os pais se reúnem pelo menos uma vez por mês com representantes da direção.

Para a secretária municipal de Educação, Regina de Assis, a atuação da comunidade é fundamental para que os colégios sejam bem administrados. "A manutenção das escolas é dever do poder público, mas a colaboração das comunidades é sempre bem-vinda", diz ela.

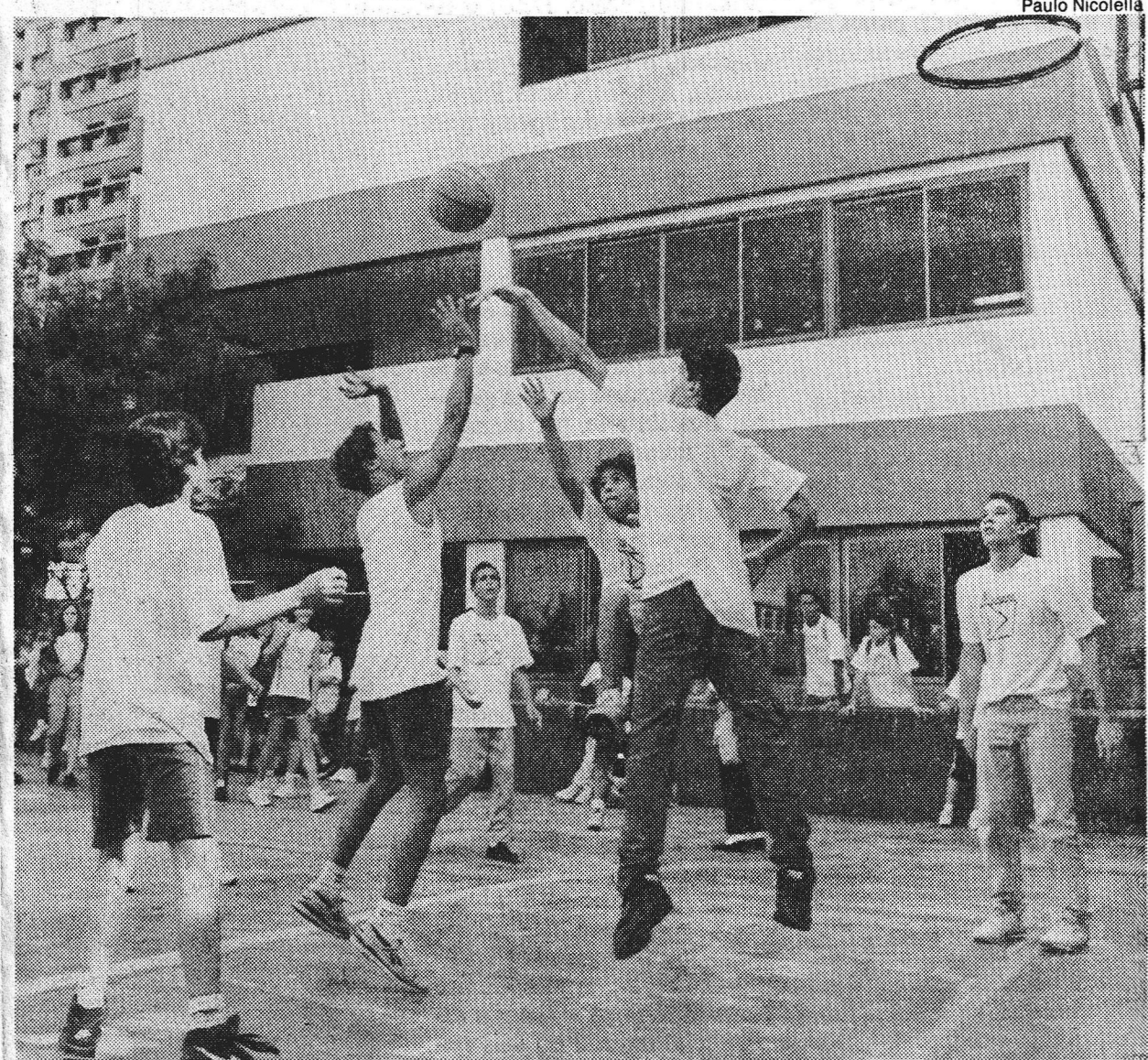
Em Copacabana, as paredes da Escola Roma foram pintadas no início do ano com tinta doada pela comunidade e se mantêm limpas, sem pichações. Todas as salas têm ventiladores e os alunos contam ainda com sala de vídeo e televisão, máquina de xerox e um laboratório de informática com dois computadores, onde o pai de um estudante atua como instrutor. No início do mês, um curso de inglês da vizinhança doou quadros negros, carteiras e murais, que estão sendo instalados pelos pais.

Exemplo — Mesmo com o déficit de pelo menos três professores, a Escola Golda Meir, com 1.300 alunos, que funciona dentro do Barramares, condomínio de classe média-alta, tem salas de aula conservadas, banheiros limpos,

bebedouros com água gelada e material didático. "Adoro o colégio. Não troco por nenhum outro", afirma a estudante da 7ª série Roberta Pomo, 14 anos, ex-aluna do tradicional Colégio Notre Dame.

No colégio, os pais formaram uma comissão que ajuda a administrar as contribuições para a caixa escolar. Cada pai colabora com a quantia que quer e o dinheiro é aplicado na compra de material, uniforme para os alunos carentes, livros didáticos e equipamentos. Este ano, eles compraram um bebedouro novo, duas tabelas de basquete para a quadra de esportes e fizeram a reforma numa sala do jardim de infância, entre outras iniciativas.

□ Os professores municipais resolveram ontem, em assembléia na Uerj, continuar em greve por tempo indeterminado. "É uma decisão suicida", acredita a secretária de Educação, Regina de Assis. Ela garante que apenas 5,29% das escolas estão paradas. Já o Sindicato Estadual dos Profissionais de Educação (Sepe) divulgou que a greve atinge 60% das escolas. A paralisação por melhores salários já dura quatro dias. Na terça-feira, os professores farão protesto em frente à Câmara dos Vereadores.



A escola Golda Meir funciona no Barramares e teve a tabela de basquete doada pelos pais dos alunos